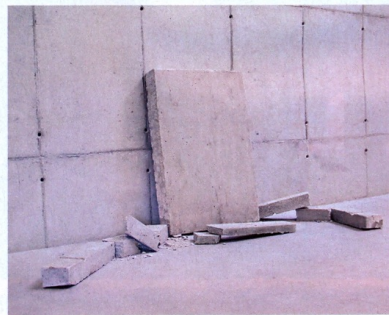




NAVEGANTES Retrato da Galeria Leme, por João Pedro Vale (acima), e escultura de restos de demolição, de André Komatsu



sem semelhantes. Fizemos só algumas mudanças", diz Leme.

A obra teve início em junho de 2011 e em dezembro já estava finalizada. Esses seis meses de reconstrução formam o cenário de "Transição", uma "exposição em progresso", com trabalhos de 12 artistas convidados por Leme a acompanhar o processo de transposição de um espaço a outro. Marcelo Cidade, André Komatsu

su e João Loureiro, artistas representados pela Galeria Vermelho, integraram o projeto como residentes visitantes e fizeram obras a partir dos escombros do antigo edifício. Em "Enchendo o Saco 2", Cidade criou uma instalação com os restos de cimento e plástico da demolição. Komatsu criou "Inadequação Modular", escultura comparativa entre os tamanhos dos blocos de cimento da antiga e da nova galeria, feita com um tijolo de concreto encontrado nos escombros.

Já o português João Pedro Vale fez uma leitura poética, sem apropriação de rastros da mudança. Em "The Floaters", ele pintou o retrato do edifício da Leme sobre placa de cerâmica, em continuidade aos trabalhos realizados durante residência artística na cidade litorânea de P-Town, nos EUA. Ali existia uma comunidade de pescadores chamada Long Point, que se dedicava à extração de sal para a conservação de peixes e entrou em declínio no início do século XIX. A comunidade foi integrada à cidade de P-Town e, uma vez que os custos de madeira e construção eram muito elevados, optou-se por transportar as casas em jangadas. Hoje conhecidas como The Floaters (Flutuantes), essas casas são identificadas por placas como a que Vale fez para a Leme. "O projeto em São Paulo se assemelhava ao processo de deslocamento: a mesma galeria foi transportada para outro lugar", explica Vale, cujo trabalho é um dos grandes destaques da mostra.

ROTEIROS

Síntese de um continente

ESQUEMAS PARA UMA ODE TROPICAL / Galeria Silvia Cintra + Box 4, RJ/ de 20/1 a 25/2

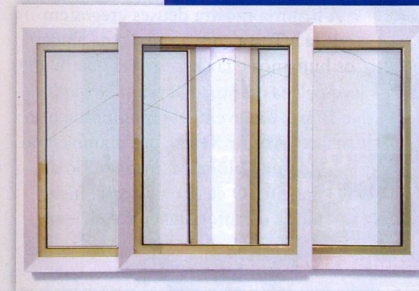
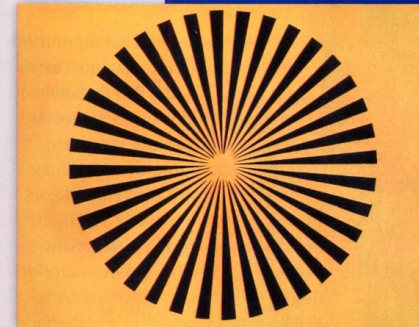
Em 1922, quando Oswald, Mário de Andrade e cia. desvairavam a Pauleiceia, o Rio de Janeiro vestia-se de gala para festejar o centenário da Independência do Brasil e receber, entre outros ilustres convidados, o poeta modernista mexicano Carlos Pellicer. Naquele ano, bem antes de Tom Jobim pousar no Galeão com seu "Samba do Avião" (1962), Pellicer encantou-se com a paisagem e produziu um "Poema Aéreo", descrevendo o Rio visto do avião. Mas desde o céu, Pellicer não viu o mar e a montanha com os olhos dos viajantes europeus que por aqui passaram e morreram,

embebecidos por belezas e pestes. Mexicano nascido no Estado tropical de Tabasco, Pellicer viu o Rio como "síntese do continente amado" e se relacionou com ele mais por afinidade que por deslumbramento. Seus poemas inspiraram o filósofo José Vasconcelos a almejar uma "Raça Cósmica" (1925), formada pela mistura de todas as raças nativas das Américas, cuja capital seria o Amazonas.

Hoje, 90 anos depois de Pellicer e 50 depois de Tom Jobim, inspirado por esse mesmo sentimento de "pertencimento" e pelos textos dos poetas conterrâneos, o curador mexicano Pablo León de La Barra concebe a exposição "Esquemas para uma Ode Tropical", na Galeria Silvia Cintra + Box 4, em que reúne 16 artistas latino-americanos em torno da questão que a todos toca: os trópicos. "Da mesma forma que ocorre no poema de Pellicer, os trabalhos dos artistas da exposição criam múltiplas perspectivas e vozes", afirma o curador. Portanto, conformam essa mesma orquestra panorâmica da América Latina

as paisagens utópicas de Alfredo Ceibal, os retratos de selvas de Daniel Steegman, as gravuras de Felipe Mujica, as aquarelas de Irene Kopelman ou as molduras que enquadram paisagens vazias de Rodrigo Matheus.

P. A.



PANORÂMICA "Paisagem", de Rodrigo Matheus (acima) e aquarela de Irene Kopelman (à dir.)



Nina Gazire

FOTOS: CORTESIA GALERIA LEME; DIVULGAÇÃO (ROTEIROS)

E LA NAVE VA

Galeria Leme muda de endereço, mas permanece com o mesmo projeto arquitetônico, assinado por Paulo Mendes da Rocha

TRANSIÇÃO / Galeria Leme, SP/ até 15/2

Como outras tantas regiões da zona sul paulistana, o bairro do Butantã tem hoje sua paisagem rapidamente modificada pelos efeitos do crescimento da construção civil e da especulação imobiliária – além da bem-vinda chegada de uma nova estação do metrô. Os carpinteiros e serralheiros, que desde 2004 dividiam a rua Agostinho Cantu com a Galeria Leme, não estão mais ali. A própria galeria não está mais no mesmo local, já que teve seu terreno comprado pela empresa Odebrecht, para a construção de sua nova sede. Desde 4 de janeiro, porém, a Leme está funcionando a apenas duas quadras de distância do endereço antigo. E, o mais surpreendente, com o mesmo projeto arquitetônico de Paulo Mendes da Rocha. "Sou super-fiel ao Paulo Mendes. O projeto é dele e não queria perdê-lo. Então decidimos repetir o projeto, onde o terreno e a localização fos-